



Ecopedagogia: caminhos para a formação de sujeitos ecológicos e cidadania planetária¹

Vitória Regina Casagrande Viel²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1689-8287>

Louisa Carla Farina Schröter³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Brasil
<https://orcid.org/0009-0003-0313-6288>

Sandra Lilian Silveira Grohe⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3126-8259>

Resumo: O artigo analisa criticamente o distanciamento entre seres humanos e natureza e suas implicações na educação. Propõe a Ecopedagogia como caminho ético, político e pedagógico para reconectar educação, vida, territórios e sustentabilidade. Discute como urbanização, tecnificação e crises ambientais enfraquecem vínculos ecológicos, afetando especialmente crianças e jovens. Destaca o sujeito ecológico, orientado por valores de cuidado, cidadania planetária e interdependência. Inspirada em Paulo Freire, na Carta da Terra e em autores como Gadotti, Gutiérrez e Krenak, a Ecopedagogia é apresentada

¹ Recebido em: 23/10/2025. Aprovado em: 18/12/2025.

² Doutoranda (2024) e Mestra (2009) em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário Lasalle - Unilasalle (2005). Graduada em Ciências Biológicas pela UNISINOS (2003). Atua como Bióloga, Educadora e Consultora Ambiental, E-mail: vitoriarcviel@gmail.com

³ Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2022-2026); Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (1997); Especialista em Metodologia de Ensino pela UFSC (1993); Especialista em Pedagogia Inaciana e Sujeitos da Contemporaneidade pela UNISINOS (2014); Licenciada em Geografia pela UFSC (1990) e Pedagoga pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - UDESC (1989). Atua como diretora acadêmica do Colégio Catarinense em Florianópolis, SC desde 2019. E-mail: louisacarla@hotmail.com

⁴ Pós-doutoranda em Educação pela Universidade do Rio dos Sinos - UNISINOS; Doutora em Educação pela UNISINOS; Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS; Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande -FURG; Graduada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha- URCAMP. Email: sandragrohe@gmail.com

como pedagogia crítica e vitalista que recoloca a vida no centro da educação. Defende práticas inovadoras que integrem saberes científicos, populares e tradicionais, promovendo a formação de sujeitos ecológicos comprometidos com a sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação ambiental. Ecopedagogia. Sujeito ecológico. Cidadania planetária.

Ecopedagogía: caminos para la formación de sujetos ecológicos y ciudadanía planetaria

Resumen: Este artículo analiza críticamente la desconexión entre los seres humanos y la naturaleza, y sus implicaciones para la educación. Propone la ecopedagogía como una vía ética, política y pedagógica para reconectar la educación, la vida, los territorios y la sostenibilidad. Analiza cómo la urbanización, la transformación tecnológica y las crisis ambientales debilitan los vínculos ecológicos, afectando especialmente a niños, niñas y jóvenes. Destaca el sujeto ecológico, guiado por valores de cuidado, ciudadanía planetaria e interdependencia. Inspirada en Paulo Freire, la Carta de la Tierra y autores como Gadotti, Gutiérrez y Krenak, la ecopedagogía se presenta como una pedagogía crítica y vitalista que vuelve a situar la vida en el centro de la educación. Aboga por prácticas innovadoras que integran el conocimiento científico, popular y tradicional, fomentando el desarrollo de sujetos ecológicos comprometidos con la sostenibilidad.

Palabras-clave: Educación ambiental. Ecopedagogía. Sujeito ecológico. Ciudadanía planetária.

Ecopedagogy: paths for the formation of ecological subjects and planetary citizenship

Abstract: This article critically analyzes the disconnect between humans and nature and its implications for education. It proposes Ecopedagogy as an ethical, political, and pedagogical path to reconnect education, life, territories, and sustainability. It discusses how urbanization, technological transformation, and environmental crises weaken ecological bonds, particularly affecting children and young people. It highlights the ecological subject, guided by values of care, planetary citizenship, and interdependence. Inspired by Paulo Freire, the Earth Charter, and authors such as Gadotti, Gutiérrez, and Krenak, Ecopedagogy is presented as a critical and vitalist pedagogy that places life back at the center of education. It advocates innovative practices that integrate scientific, popular, and traditional knowledge, fostering the development of ecological subjects committed to sustainability.

Keywords: Environmental education. Ecopedagogy. Ecological subject. Planetary citizenship.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente o afastamento contemporâneo entre seres humanos e natureza, evidenciando como esse distanciamento se manifesta nos processos educativos e na constituição das subjetividades modernas. A partir dessa análise, busca-se discutir os fundamentos teóricos e epistemológicos da Ecopedagogia como caminho possível para reconectar a educação à vida, aos territórios e à dimensão ética e planetária da existência.

O texto busca refletir sobre o impacto da urbanização, da tecnificação da vida e das emergências climáticas na formação humana, evidenciando como tais processos têm contribuído para o enfraquecimento dos vínculos entre sociedade e natureza. Nesse

percurso, propõe-se examinar as bases conceituais e éticas da Ecopedagogia. O artigo procura compreender a Ecopedagogia como uma proposta educativa crítica, capaz de oferecer respostas aos desafios socioambientais contemporâneos, ao mesmo tempo em que fomenta o protagonismo dos sujeitos na construção de uma nova ética do cuidado e da sustentabilidade. Por fim, busca-se apontar possibilidades de práticas pedagógicas transformadoras voltadas à constituição de sujeitos ecológicos e à efetivação de uma cidadania planetária comprometida com o bem comum e a continuidade da vida em todas as suas formas.

O estudo se baseia na análise de produções acadêmicas nacionais e internacionais sobre Ecopedagogia, Educação ambiental crítica e epistemologias ecológicas, bem como em obras de referência de autores como Paulo Freire (2020), Moacir Gadotti (2008a; 2008b; 2013), Gutiérrez e Prado (2002), Ailton Krenak (2022), Richard Louv (2018) e Byung-Chul Han (2017), entre outros. A metodologia parte de um método analítico-interpretativo, que busca relacionar os conceitos teóricos à realidade educacional contemporânea, especialmente diante das crises socioambientais e climáticas. Por meio de um diálogo interdisciplinar, o texto procura articular contribuições da filosofia, da ecologia, da sociologia e das ciências da educação, visando compreender os sentidos éticos, políticos e pedagógicos da Ecopedagogia, permitindo assim analisar como essas reflexões dialogam com a realidade ambiental e as relações humanas com a natureza.

As relações que ocorrem na Terra seguem (mesmo que sejam ignoradas) uma organização ecológica (Ricklefs, 1996) da vida e o ser humano faz parte dela. Nos espaços cerrados da modernidade, constituíram-se novas subjetividades que revelam, no modo humano de viver o tempo presente, um crescente distanciamento da natureza e do ambiente. Observa-se, assim, o engendramento de sujeitos cujas experiências se pautam, como descrevem Tiriba, Santos, Schaefer (2023, p. 1), por “relações divorciadas entre seres humanos e natureza”. Tal afastamento compromete a constituição do sujeito ecológico, compreendido como “um projeto identitário que envolve escolhas éticas, valores culturais e modos de vida em consonância com a sustentabilidade” (Carvalho, 2008, p. 55). Trata-se de uma identidade narrativa orientada pela dimensão ecológica e vinculada a um projeto de sociedade que busca tanto a emancipação social quanto a sustentabilidade ambiental. “A noção de sujeito ecológico opera como um tipo ideal que ajuda a tornar compreensível as escolhas,

estilos e sensibilidades éticas e estéticas que orientam práticas ambientais, bem como o projeto de identidade que sustenta estas escolhas” (Carvalho, 2005, p. 5).

Essa perspectiva evidencia justamente que, ao nos distanciarmos da natureza, esquecemos nossa dependência do ambiente e de que nossa existência está “entrelaçada com outros seres, entes e fenômenos viventes, e, que, portanto, se potencializa neste estado de entrelaçamento” (Tiriba; Santos; Schaefer, 2023 p. 1) . Nesse contexto, torna-se relevante compreender a importância da noção de sujeito ecológico

relacionada a um modo específico de ser no mundo. Sujeito ecológico é, então, um modo de descrever um conjunto dos ideais que inspira atitudes ecologicamente orientadas. O sujeito ecológico é incorporado pelos indivíduos ou pessoas que adotam uma orientação ecológica em suas vidas, bem como, pode ter efeito sobre instituições que se definam por esta orientação. O sujeito ecológico, portanto, designa a internalização ou subjetivação de um ideário ecológico." (Carvalho, 2013, p. 115).

A ausência desse processo de formação identitária tem consequências perceptíveis no cotidiano, como aponta o jornalista americano Richard Louv (2018), ao caracterizar o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) em sua obra *A última criança na natureza*. A partir deste conceito, Louv (2018) faz uma síntese de estudos que relacionam a presença da natureza na vida das crianças, principalmente em contextos urbanos. O autor também denuncia o crescente distanciamento humano da natureza alertando sobre o impacto negativo da falta da natureza na vida das crianças e jovens contemporâneos.

Nas últimas décadas, o ritmo acelerado do processo de urbanização e o aumento exponencial do uso das tecnologias digitais trouxe consequências para a constituição dos sujeitos e de suas subjetividades, de forma a promover efeitos negativos para a sua saúde física e mental. Esse contexto nos leva a refletir criticamente sobre a vida humana atual - urbana e confinada, e sobre a necessidade da reconexão da humanidade com a natureza em suas mais variadas manifestações. É, também, urgente e necessário repensar os espaços educativos: escolas e agências de desenvolvimento que limitam crianças e adolescentes, tanto no sentido físico quanto por meio de concepções e propostas pedagógicas pautadas numa visão de mundo que encerra e aprisiona.

Entendemos que

a situação se revela ainda mais grave se considerarmos a realidade de milhões de crianças para quem a escola pública se constitui como o único lugar de que dispõem para brincar: elas vivem nas periferias das grandes cidades; milhares delas, em zonas de sacrifício do capitalismo, vítimas de injustiças e racismos ambientais (Cosenza; Kassiadou; Sánchez, 2014) que as privam de

acesso à espaços verdes, bens e serviços ambientais. (Tiriba; Santos; Schaefer, 2023 p. 6).

O afastamento da natureza e o modo de vida cada vez mais enclausurada apontam para a diminuição dos sentidos, como defendem Louv (2018) e Han (2017). As pessoas vêm experimentando um crescente “encolhimento sensorial” (Louv, 2018, p. 81), em que o uso dos sentidos se torna menos requisitado, à medida que a vida cotidiana se vê confinada e imersa no contato exaustivo com dispositivos eletrônicos.

O sujeito ecológico não é universal: nem todo mundo se identifica com esse jeito ecológico de ser na vida. ... Na medida em que instituições e pessoas tentam viver de acordo com preocupações ecológicas, aí se encontra vigente, em alguma medida, o sujeito ecológico como modelo de identificação pessoal e reconhecimento social. (Carvalho, 2013, p. 116).

Neste cenário, propostas pedagógicas como a Ecopedagogia podem ganhar força, não como adereço curricular, mas como pedagogia vitalista (Silva, 2023), capaz de dar acento e voz à uma diversidade de vidas e processos pedagógicos que despontam nos interstícios da vida contemporânea. Se a escola muitas vezes perde vitalidade ao restringir-se a lógicas de avaliação e desempenho, a Ecopedagogia surge como uma prática e uma teoria que recoloca a vida no centro do processo educativo, todas as vidas, humanas e não humanas, reconhecidas em sua interdependência.

FUNDAMENTOS E APROFUNDAMENTOS DA ECOPEDAGOGIA

Oliveira, Pereira, Teixeira (2021) buscaram analisar as abordagens sobre o conceito de Ecopedagogia, mapeando artigos publicados em revistas brasileiras e identificando seus fundamentos e práticas ecopedagógicas. Como resultados do levantamento e da leitura dos artigos encontrados, os autores descrevem que a Ecopedagogia parece estar no início de seu processo de consolidação, no âmbito investigativo das produções acadêmicas e no campo social e educativo. O artigo de Oliveira, Pereira, Teixeira (2021) aponta que os conceitos básicos da Ecopedagogia estão embasados em uma educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora. Dessa forma, contribui para o debate acerca da crise socioambiental e a produção acadêmica nacional em Ecopedagogia, que “estão num percurso de transição entre teorias e ideias que privilegiam aspectos racionais e limitados para teorias e ideias que abordam a crise ambiental de maneira integradora e cada vez mais dialógica” (Oliveira; Pereira; Teixeira, 2021, p. 286). No sentido de proporcionar a ampliação e transformação dos processos educativos e a produção de conhecimento, é que torna-se

possível “entender a ecopedagogia como um elo integrador”, que dialoga e coopera com “as diversas leituras de mundo e áreas do saber” (Oliveira; Pereira; Teixeira, 2021, p. 286).

O atual cenário de ameaças ambientais e o sentimento de não pertencimento ao ambiente natural revelam a necessidade de um processo transformador de valores, atitudes e relações sociais, no qual o sujeito é constantemente desafiado a articular conhecimentos e sentimentos, habilidades e vivências em prol da vida. Essa descrição configura a Educação ambiental para a sustentabilidade, uma perspectiva que implica a construção da ação humana participativa e responsável no contexto escolar e comunitário, orientando-se pelo respeito aos demais seres vivos e pela co-responsabilidade planetária (Gadotti, 2008a).

Os pesquisadores Kruger e Speck (2025) fizeram uma análise sobre como o ensino de Ciências e Biologia frequentemente negligencia o sentimento de pertencimento ao meio ambiente. Os pesquisadores ressaltam o impacto da Ecopedagogia no currículo de Ciências e Biologia, fomentando práticas pedagógicas que unam ética, consciência crítica e sustentabilidade. Tal estudo nos mostra que,

ao explorar as concepções e perspectivas da Ecopedagogia, incluindo a abordagem freiriana e a educação popular, busca-se promover a autonomia do educando, destacando a importância do ambientalismo, dos direitos humanos e da justiça social na formação de cidadãos conscientes e atuantes na preservação ambiental (Kruger; Speck, 2025, p. 335).

Dessa forma, a Ecopedagogia se apresenta como uma proposta pedagógica que procura atribuir sentido ao cotidiano e às práticas educativas, orientando-se pelos princípios da Carta da Terra (2000) e pelos fundamentos da cidadania planetária (Gutiérrez; Prado, 1999). Mais do que uma metodologia, trata-se de uma pedagogia voltada à promoção de sociedades sustentáveis, na medida em que reconhece a indissociabilidade entre os seres vivos, meio ambiente e território, e propõe práticas pedagógicas transformadoras que contribuam para a formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com o cuidado da vida em todas as suas formas.

Inspirado por Paulo Freire, acreditando no sonho possível de uma escola cidadã e de uma Ecopedagogia, Moacir Gadotti apresenta a Pedagogia da Terra, uma proposta educativa que propõe integrar educação e sustentabilidade. Gadotti (2013) defende uma educação comprometida com a preservação da vida, que reconheça a Terra como um organismo vivo e promova a consciência planetária. Segundo o autor, esse tipo de

pedagogia valoriza o diálogo entre saberes, o respeito à diversidade cultural e ambiental, e a responsabilidade ética para com as gerações futuras.

Gadotti (2013) apresenta categorias com a intenção de entender melhor as perspectivas atuais da educação, que suscitam interrogações e provocam a abertura de novos caminhos. Ele aponta a planetaridade; a sustentabilidade; a virtualidade; a globalização e a transdisciplinaridade como categorias fundantes de uma concepção de Educação ambiental comprometida, mas talvez não sejam suficientes para o entendimento da ecopedagogia como forma de aprendizagem a partir da vida cotidiana.

Neste caso, devemos desenvolver outras categorias ligadas à esfera da subjetividade, da cotidianidade e do mundo vivido, categorias que estruturam a vida cotidiana, levando em consideração as práticas individuais e coletivas e as experiências pessoais (Gadotti, 2013, p. 41).

A planetaridade é uma das categorias e um conceito amplamente desenvolvido por Gadotti (2013) a partir do tema da cidadania planetária, destacando a frase amplamente conhecida da Conferência Rio-92: “A Terra é uma só nação, e os seres humanos, os seus cidadãos” (Gadotti, 2023, p. 129). Em relação à sustentabilidade, Gadotti (2013) enumera os problemas atuais, principalmente os vivenciados no campo da área ambiental e que são provocados pelo nosso modo de viver, aprendidos na escola, pelos valores transmitidos pelos currículos e livros escolares. Para o autor, “reorientar a educação a partir do princípio da sustentabilidade significa retomar nossa educação em sua totalidade” (Gadotti, 2013, p. 42). A Carta da Terra (2000) é utilizada por Gadotti como referência fundamental em sua Pedagogia da Terra, entendendo-a como um documento ético e educativo que orienta práticas pedagógicas voltadas à sustentabilidade, ao respeito à diversidade e à promoção de uma cidadania planetária. Ao apontar a categoria da virtualidade, Gadotti (2013) salienta que ela implica na discussão acerca da educação à distância e o uso dos computadores nas escolas, questionando se “eles nos abrem os novos espaços da formação ou irão substituir a escola?” (Gadotti, 2013, p. 36). O processo da globalização, aponta Gadotti (2013, p. 36) é “uma categoria que deve ser enfocada sob vários prismas”, precisando refletir criticamente sobre a limitação a um pensamento único. O autor reflete sobre a globalização da solidariedade, sustentada na política de uma comunidade humana única com ética de governabilidade mundial. Como última das categorias propostas por Gadotti (2013), apresenta-se a transdisciplinaridade, relacionada a uma educação complexa, sem discriminação ética, cultural e de gênero. “A transdisciplinaridade

representa uma ruptura com o modo linear de ler o mundo, uma forma de articulação dos saberes” (Gadotti, 2013, p. 39).

Apresentadas as categorias propostas por Gadotti podemos também reconhecer o ponto de vista epistemológico da Ecopedagogia. Ele se ancora no legado crítico de Paulo Freire, ao compreender a educação como prática de liberdade (Freire, 2020) e de transformação social, e na inspiração da Carta da Terra (2000) que propõe uma ética global baseada no cuidado, na solidariedade e na sustentabilidade (Gadotti, 2008b; Gutiérrez; Prado, 2002). Dessa forma, as características centrais da Ecopedagogia estão imersas na cidadania planetária (Morin, 2000), na valorização dos saberes plurais, científicos, populares e tradicionais, bem como na capacidade de articular dimensões cognitivas, éticas e afetivas no ato de aprender.

DIÁLOGOS ECOPEDAGÓGICOS

A Ecopedagogia se constitui no diálogo permanente com campos diversos: a Ecologia, que revela a teia de interdependência dos sistemas vivos; a Filosofia, que amplia o horizonte ético da educação; a Sociologia e a Antropologia, que permitem compreender as dinâmicas sociais da crise ambiental; e as ciências da complexidade, que oferecem ferramentas para pensar os tempos descompassados em que vivemos. Ao mesmo tempo, aproxima-se das correntes críticas da Educação ambiental (Sauvé, 2005b) e das perspectivas decoloniais, que questionam as formas hegemônicas de produção de conhecimento e abrem espaço para pedagogias outras, nascidas das margens e da resistência.

Dessa forma, a Ecopedagogia surge como uma crítica ao afastamento entre os seres humanos, os territórios e os elementos da natureza, como os rios lembrados por Krenak (2022), e busca construir metodologias capazes de restituir esses vínculos. Para o autor, a ausência de escuta e de respeito pelos rios evidencia o quanto a vida urbana, e também a escolar, se distanciou da natureza e de sua sabedoria ancestral, apontando para a urgência de práticas educativas de reconexão entre sujeitos, territórios e elementos naturais.

Esse contexto de crescente distanciamento, intensificado pelas emergências climáticas e ambientais que marcam o presente, reforça a atualidade da Ecopedagogia. Orientada pela necessidade de repensar os sistemas educacionais, ela propõe a formação de uma consciência crítica e planetária, ancorada em metodologias construídas

coletivamente, que favorecem o reconhecimento do entorno da escola, de sua história e de suas singularidades.

Mais do que transmitir conteúdos, trata-se de desenvolver processos de ensino-aprendizagem comprometidos com a vida em todas as suas formas, capazes de cultivar a escuta da natureza, das comunidades e dos territórios, ampliando a responsabilidade social e ecológica frente aos desafios contemporâneos.

A situação nos convida a refletir sobre os sistemas educacionais e as formas de ensinar e se estes têm priorizado o desenvolvimento do pensamento crítico para a adaptação e a prevenção de desastres, promovendo uma sociedade mais responsável e resiliente. Há a necessidade da atenção redobrada a tais acontecimentos que afetam diretamente as vidas humanas e não-humanas em cada comunidade e território (Viel; Silva; Grohe, 2024, p. 6).

Essa reflexão converge com a preocupação expressa por Krenak (2022), ao defender o respeito e a escuta dos rios. A observar de maneira crítica a forma como as cidades, “principalmente as grandes, se (espalham) por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles” (Krenak, 2022, p. 13), o autor evidencia a urgência de repensarmos nossa relação com os elementos da natureza. Sua crítica à ausência de escuta e de respeito com os elementos da natureza, pode ser estendida também às escolas, que, muitas vezes, reproduzem o mesmo afastamento em relação aos territórios que habitam.

Grenzel e Lindino (2020) fizeram uma pesquisa sobre a contribuição da Ecopedagogia nas práticas ambientais formais, evidenciando o quanto as questões relacionadas ao cuidado e preservação ambiental têm permeado vários espaços, inclusive o educacional. Os autores destacam alguns aspectos da Ecopedagogia que poderiam contribuir para o desenvolvimento de práticas que possibilitem a formação crítica e reflexiva de ações que promovam a formação de novos valores e cuidados com o ambiente. Grenzel e Lindino (2020) fazem a análise de um projeto com a temática da reciclagem desenvolvido em uma escola e por fim concluem “que as práticas educativas ambientais empregadas estão desvinculadas da proposta pedagógica da escola” e que as “ações não desenvolvem a formação desejada de novos valores e cuidados com o ambiente” (Grenzel; Lindino, 2020, p. 257). Os autores propõem o uso de conceitos derivados da Ecopedagogia e destacam a importância de promover a reflexão acerca da problemática ambiental, “focando na produção conjunta

do conhecimento, visando assim transformar individualmente e coletivamente aquela realidade” (Grenzel; Lindino, 2020, p. 257).

Dessa forma, torna-se essencial analisar criticamente a atuação da educação escolar nesse cenário. Especialmente diante das ameaças climáticas e ambientais da atualidade é crucial que escolas e comunidades educativas, atuantes nos territórios, cotejem suas realidades e particularidades, num movimento fundamental para os processos de conscientização e de construção de uma educação comprometida com a sustentabilidade da vida. A partir deste reconhecimento, podem emergir metodologias inovadoras, formuladas a partir de processos coletivos, capazes de reconectar as pessoas aos problemas e às desigualdades presentes nos territórios (Barragán Giraldo; Sánchez Corrales; Cruz Castillo, 2020).

Um exemplo dessa reconexão é a Cidade Escola Ayni (2025), localizada em Guaporé, no Rio Grande do Sul. Situada dentro de uma Unidade de Conservação, a escola adota a agroecologia como caminho de reconexão com a natureza. Nessa proposta, busca-se cultivar uma relação de honra e respeito à terra, promovendo o reencontro com a energia vital da natureza e a percepção de como ela ressoa nas relações humanas. Em seu site institucional, a escola expressa esse princípio em um de seus pilares: “Honrar a terra é honrar o feminino, é honrar a mãe. Cuidar da terra e dos filhos da terra. É nossa mensagem!” (Cidade Escola Ayni, 2025).

Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Bispo dos Santos (2023), que ensina que preservar pedagogias ancestrais talvez seja um gesto urgente e importante para a educação nos dias de hoje. Ele sinaliza que o conhecimento não é da ordem da posse, mas sim, da ordem do compartilhamento, e que neste deslocamento reside a possibilidade de imaginar mundos em comum. Nesse sentido, o que está em jogo não é apenas a transmissão de conteúdos sobre a natureza, conforme enfatizam as abordagens tradicionais da educação ambiental, mas sim, a abertura da escola e da sociedade, para modos de ensinar e aprender conectados à natureza que se façam coletivos, múltiplos, atravessados por diferentes campos de experiência.

PARA CONTINUAR PENSANDO

Nesse movimento, a Ecopedagogia abre-se ao diálogo com múltiplos campos científicos e epistemológicos, articulando-se à complexidade e à interdependência dos sistemas vivos. Essa perspectiva permite problematizar os contextos sociais marcados

por vulnerabilidades, como salientado por Sauvé (2005a), e questiona os limites de uma pedagogia subordinada às demandas do mercado. Ao reconhecer-se como uma espécie de “pária do conhecimento”, marginalizada nas hierarquias acadêmicas, mas capaz de pensar o mundo em sua densidade e urgência, a Ecopedagogia afirma-se como um horizonte  tico e pedagógico essencial para os tempos descompassados que vivemos.

Dessa forma, o surgimento de um novo sujeito ecológico (Gadotti, 2005), conforme postula a Ecopedagogia, requer um olhar atento   cotidianidade (Gutiérrez; Prado, 1999), às ações reveladas diariamente a partir da vida das pessoas, de seus espaços de convivência, da forma como estabelecem relações com seu entorno e com a natureza. Nesse espaço, onde a vida acontece, a educação   demandada a responder com práticas pedagógicas alinhadas   constituição de uma cidadania planetária que surge a partir da cultura da sustentabilidade.

Os debates fundamentais da educação ambiental contemporânea, atravessados por diferentes narrativas e múltiplas concepções que configuram um universo multirreferencial (Oliveira; Pereira; Teixeira 2021), revelam embates entre distintas correntes e discursos, numa disputa de sentidos (Sauvé, 2005a) que busca afirmar-se hegemonicamente no campo conceitual.

Conforme Sauvé (2005a), ao longo dos anos, a educação ambiental passou a integrar dimensões de pesquisa e reflexão sobre práticas, constituindo um valioso patrim nio pedagógico, caracterizado pela diversidade de proposições teóricas, modelos e estratégias que inspiram e orientam diferentes modos de relação com o meio ambiente.

Essa diversidade de abordagens, entretanto, revela-se insuficiente diante da complexidade e da gravidade da crise ambiental contemporânea. Tal constatação evidencia a necessidade de ampliar o debate para além do campo educativo e conceitual, incorporando dimensões  ticas, sociais e espirituais do cuidado com a vida no planeta, uma vez que o discurso exclusivamente pedagógico não é capaz de responder, de forma integral, aos desafios impostos pela crise ambiental.

Ao lançar a Carta Encíclica *Laudato Si'*, em 2015, o Papa Francisco apresentou um apelo à humanidade diante da grave crise ambiental e social que ameaça a vida no planeta. O documento defende que não há duas crises distintas, uma ambiental e outra social, mas uma única crise socioambiental que exige respostas integradas e urgentes (Francisco, 2015). A partir dessa compreensão, Francisco propôs uma conversão

ecológica que promova uma justiça que contemple, simultaneamente, o cuidado com a Casa Comum e a dignidade das pessoas, especialmente das mais vulneráveis.

Em diálogo com os pressupostos da Ecopedagogia, tal proposta requer um compromisso educativo capaz de despertar consciência crítica, engajamento ativo e transformação social. Nesse sentido, não é suficiente instituir práticas de educação ambiental restritas aos currículos escolares ou a projetos pontuais. Mas incorporar propostas pedagógicas de encontro com a dinâmica da Terra, como por exemplo, a implantação de hortas escolares de cultivo permanente em parceria com a comunidade ou espaços inseridos em áreas de abundante vegetação, como ocorre na Cidade Escola Ayni.

De modo prático, no cotidiano escolar, verifica-se que muitos professores enfrentam dificuldades em integrar a Ecopedagogia aos currículos formais, ainda estruturados de forma disciplinar e fragmentada.

A adoção dessa perspectiva exige mudanças institucionais profundas, que muitas vezes não se concretizam, revelando a resistência do modelo escolar tradicional à aderir a novas metodologias e práticas coletivas. A implantação de hortas escolares pode ilustrar essa limitação: frequentemente resultam da iniciativa isolada de um único docente, o que dificulta sua consolidação como projeto pedagógico permanente e integrado à comunidade. Quando o responsável se afasta ou deixa a instituição, essas experiências são, em geral, interrompidas, revelando a precariedade de práticas dependentes de esforços individuais. Esse cenário evidencia não apenas a falta de continuidade, mas também a ausência de políticas institucionais consistentes que assegurem a permanência e a relevância das ações de educação ambiental no âmbito escolar.

Dessa forma, sem uma compreensão ampla e integrada, acompanhada de uma ação institucional sistêmica, a constituição de pedagogias voltadas à formação de sujeitos ecológicos, conscientes de sua responsabilidade nas mudanças locais e globais, fica comprometida. Essa dimensão, portanto, representa um acréscimo necessário às práticas educativas, ao articular o espaço da convivência cotidiana com as condições da vida sob o modo de produção capitalista, que objetifica a natureza e desumaniza as populações mais vulneráveis.

É ilusório imaginar que a educação, por si só, salvará o planeta; para isso, é imprescindível que indivíduos, comunidades e instituições sociais e econômicas

assumam sua parte na transformação do mundo. A constituição do sujeito ecológico, comprometido com novas maneiras de ser e estar neste planeta, depende de processos formativos que priorizem a inter-relação entre ser humano, natureza e sociedade. Essa transformação de mentalidade, conforme ensina Gadotti (2013), só se realiza por meio da mudança de atitudes, valores e ações. Assim, a Ecopedagogia deverá comprometer-se com propostas metodológicas que promovam o protagonismo de crianças, jovens e educadores na construção de uma cidadania ambiental viva e atuante, que não apenas *informe*, mas que *forme* o cidadão ecológico (Silva; Nobre, 2025) e que o *trans(forme)* em um cidadão planetário. De forma que esse indivíduo, buscando superar a dicotomia entre ser humano e natureza, passe a se engajar em uma concepção de bem viver ecológico que não apenas promova uma narrativa ética, mas também tenha capacidade para articular um projeto político voltado à construção de novos pactos para o planeta. Nesse processo, “em vista da regulação das relações sociedade e natureza, [inaugura-se também] um estilo de vida que no plano individual leva a incorporação de novos hábitos e atitudes em várias esferas da vida” (Carvalho, 2009, p.84).

A assunção de um compromisso coletivo com as futuras gerações pressupõe a corresponsabilidade na formação integral do ser humano, articulando cuidado, solidariedade e sustentabilidade. Diversas correntes da educação ambiental, entre elas a Ecopedagogia, reforçam a centralidade da ecologia numa perspectiva integral, como princípio educativo (Francisco, 2015), propondo uma nova concepção de sujeito e de conhecimento, baseada em relações mais harmônicas e justas com a natureza e com o meio social.

Essa abordagem demanda das escolas uma ampliação das escalas de percepção e de ação, para que a cidadania seja vivida em dimensão local e planetária. Como ensina Edgar Morin (2000, p. 14), “os problemas globais são cada vez mais essenciais”, e a busca por uma consciência planetária requer que a escola ensine a realidade em sua complexidade. Os desafios contemporâneos são interdependentes e transdisciplinares, de base ecológica, econômica, social e cultural, e exigem um pensamento sistêmico que reconheça a humanidade como uma comunidade de destino comum.

Com isso, as instituições educativas são instadas a construir espaços e currículos integrados que promovam reflexão crítica e ação transformadora, favorecendo

experiências concretas de reconexão entre pessoas, natureza e territórios. Nossos alunos deverão ser aptos a identificar as origens sistêmicas das crises ambientais e sociais (Silva; Nobre, 2025). No sentido de que o compromisso com a formação de sujeitos ecológicos torna-se caminho e condição para a construção de um futuro sustentável, justo e solidário.

O tempo presente, marcado por crises ambientais e disputas sobre o próprio sentido da existência, nos desafia a dialogar com diferentes saberes. Resgatar concepções educativas ancestrais, muitas vezes ligadas aos ciclos de vida da natureza, poderá nos permitir recuperar elementos valiosos para constituir uma proposta educativa do tempo presente, comprometida com o cuidado da Casa Comum e com o futuro das próximas gerações.

A Educação ambiental crítica e a Ecopedagogia, ao buscarem formar sujeitos ecológicos e cidadãos planetários, ganham ao abrirem-se às epistemologias decoloniais, capazes de questionar os modos hegemônicos de produção de conhecimento e de vida. Por isso, incluir no horizonte da Educação ambiental uma visão de mundo decolonial implica resgatar concepções educativas ancestrais que reconhecem a interdependência entre os seres e a Terra. Como lembra Bispo dos Santos (2023, p. 31), “o que chamam de globalização é universalidade [...] no sentido de unicidade”, e não de pluralidade. Superar essa homogeneização exige recolocar a diversidade de mundos e de cosmologias como condição para pensar o comum.

Diante dessa urgência civilizatória, a Ecopedagogia pode tornar-se um espaço de encontro entre saberes, culturas e territórios, onde se reconheçam as múltiplas formas de existir e cuidar. Conforme Bauman (2017, p. 24) nos lembra, “a humanidade está em crise e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos”. Tal solidariedade se efetiva quando inclui os saberes invisibilizados e as práticas comunitárias que historicamente sustentaram modos de vida em harmonia com o ambiente. Nessa direção, a Educação ambiental crítica deve ultrapassar os muros da escola, inspirando-se e incorporando experiências de povos originários, quilombolas, ribeirinhos e outros grupos que preservam uma ética da relação e do cuidado com a Casa Comum. Ao articular o local e o global, o ancestral e o contemporâneo, a Ecopedagogia pode contribuir para formar sujeitos ecológicos planetários, capazes de

agir com responsabilidade, sensibilidade e consciência sobre a interdependência que constitui toda a vida.

A resposta à crise ambiental, se houver, não virá de uma pedagogia centrada na ideia de superioridade, mas da capacidade de nos reinventarmos na relação com a vida em toda a sua diversidade. Assim, talvez o caminho esteja em reaprender a escutar a Terra e seus povos, permitindo que suas vozes, histórias e cosmovisões revelem modos outros de habitar o mundo. Uma pedagogia encharcada de vida, como propõe a Ecopedagogia, religa o humano à teia da vida e devolve sentido ao ato de educar. Nessa perspectiva, o cuidado com o planeta deixa de ser apenas um conteúdo da educação ambiental e se converte em um princípio ético e existencial, sustentando o compromisso coletivo com o futuro das próximas gerações e com a continuidade de todas as formas de vida.

Para concluir, Krenak (2022, p. 14) nos provoca: “quando é que nós, seres humanos colonizados pela mesmice da antropomorfia, nos permitiremos sair de nossos corpos e experimentar outras formas de existir?”. Como a água, lembra ele, que revela sua potência ao seguir por diferentes caminhos, talvez também possamos aprender a nos dissolver em fluxos, contornar obstáculos e persistir na reinvenção.

REFERÊNCIAS

BARRAGÁN GIRALDO, Diego Fernando; SÁNCHEZ CORRALES, Natalia; CRUZ CASTILLO, Alba Lucía. Cartografía Social, usos y sospechas en el campo de la educación. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, n. 89, p. 179-198, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/279/27963020015/27963020015.pdf> Acesso em: 26 set. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944144/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf. Acesso em: 02 out. 2025.

CARTA DA TERRA. **Carta da Terra**. Haia: Comissão da Carta da Terra, 2000. Disponível em: <https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf> Acesso em: 12 out. 2025.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **O sujeito ecológico**: a formação de novas identidades na escola. In: Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Orgs.). *Práticas coletivas na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 115-124.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a construção de um tipo ideal. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, n. 0, p. 5–14, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 81-94, set./dez. 2009.

Cidade Escola Ayni. **O que é a Ayni?** [site]. Disponível em: <https://ayni.org.br/o-que-e-a-ayni/#porqueexistimos> Acesso em: 13 out. 2025.

COSENZA, Angélica; KASSIADOU, Anne; SÁNCHEZ, Celso. Educação Ambiental e Direitos Humanos: necessárias articulações a partir da justiça ambiental e da ecologia política. In: SILVA, A.M.M.S.; TIRIBA, L. (Orgs.). **Direito ao Ambiente como Direito à Vida**: desafios para a educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da Casa Comum**. Vatican, Roma, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 04 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 47. ed. Atual. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do Transtorno do Déficit da Natureza. Tradução: Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. São Paulo: Editora Aquariana, 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia e educação para sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008a.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2008b. Disponível em:

<https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/b116afd3-f9de-41c2-ab33-5ac2a8c3451b/content> Acesso em: 07 out 2025.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1999.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRUGER, Amanda Dal Molin; SPECK, Raquel Angela. Ecopedagogia no Ensino de Ciências e Biologia: promovendo a consciência ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental - Revbea**, São Paulo, v. 20, n. 6: 313-339, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/20128/14268> Acesso em 16 out 2025.

GRENZEL, Graciele Cristiane Rambo; LINDINO, Terezinha Corrêa. Práticas Educativas Ambientais Formais: o que a Ecopedagogia pode contribuir. **Revista Brasileira de Educação Ambiental - Revbea**, São Paulo, v. 15, n. 7: 248-258, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10161/8190> Acesso em 24 set 2025.

OLIVEIRA, Mirelle Silva; PEREIRA, Fernando Lourenço; TEIXEIRA, Catarina. O conceito Ecopedagogia: um estudo a partir dos artigos de revistas de Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - FURG, v. 38, n. 1, p. 266-289, jan./abr. 2021. E-ISSN: 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11279/8686>. Acesso em: 02 out. 2025.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1996.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago. 2005a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hn8HWBV6NQJJHmtMJrqTKBn/?lang=pt#>. Acesso em: 29 maio 2024.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Org.). **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005b. p. 17-46.

SILVA, Priscila Maria Souza da; NOBRE, Suelen Bomfim. Educação ambiental crítica e Ecopedagogia: um olhar sobre Educação em Mudanças Climáticas (EMC). **Journal of Education, Science and Health – JESH. Revista de Educação, Ciência e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 01-11, jan./mar. 2025. Disponível em: <https://bio10publicacao.com.br/jesh>. Acesso em: 03 out. 2025.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Pedagogicidades: sobre pertencer ao território e educar para a plenitude da vida humana. In: SILVA, Rodrigo Manoel Dias da (Org.). **Pedagogicidades**: educação, culturas e territórios urbanos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 15-34.

TIRIBA, Léa; SANTOS, Zenilda do Carmo Weber do Nascimento dos; SCHAEFER, Kátia Almeida Bizzo. Na contramão da BNCC: do emparedamento colonizador ao livre brincar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e86018, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/XVpYGjkqdKxvqwCHkXgSVXK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VIEL, Vitória Regina Casagrande; SILVA, Rodrigo Manoel Dias da; GROHE, Sandra Lilian Silveira. Hortas Escolares para desemparedar, cultivar cidadania e (re)existir. **Revista Ambiente e Educação**, v. 29, n. 3, set./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/18507/11668>. Acesso em: 06 ago. 2025.